

Recensões

Oneide BOBSIN, Roberto E. ZWETSCH (Orgs.). *Prática cristã : novos rumos : coletânea em homenagem a Richard Harvey Wangen pela passagem de seu 75º aniversário.*

(São Leopoldo : Sinodal/IEPG, 1999. 207 p.)

Este livro nasceu de um reconhecimento pelo trabalho e a missão que o pastor e mestre Ricardo Wangen realizou na Faculdade de Teologia da EST. Ele chegou ao Brasil em 1957, para trabalhar na IECLB, especificamente no pastorado com estudantes e jovens da Comunidade Evangélica de Curitiba/PR. Só no início dos anos 70 veio para São Leopoldo e aqui dedicou 20 anos do seu ministério à atividade docente. A sua trajetória inspirou muita gente que hoje está nos mais diferentes cantos do Brasil.

Professores e professoras ligados à área da Teologia Prática foram desafiados a escrever para uma publicação que seria lançada por ocasião dos 75 anos do nosso ex-colega. Com alegria, praticamente todas as pessoas contatadas aceitaram o convite, de modo que reunimos neste volume um bom acervo de textos que tratam de questões candentes na reflexão teológica contemporânea.

São textos diversos que, entretanto, seguem um fio condutor: a teologia prática ou a prática cristã e seus novos rumos numa realidade cambiante e marcada pelo fenômeno da globalização e suas seqüelas, a exclusão e miséria de milhões de pessoas. Como anunciar o evangelho da vida abundante nessa situação? A partir de distintos enfoques, autores e autoras procuram dar sua resposta a essa pergunta, que confere unidade às diferentes perspectivas apresentadas.

O livro inicia com um texto de *Lothar C. Hoch*, especialista em Aconselhamento Pastoral e atual reitor da Escola Superior de Teologia. Hoch aborda a questão da cura no aconselhamento pastoral, como um dos três aspectos centrais do ministério de Jesus Cristo. Na história da igreja, em verdade, esse ministério nunca deixou de existir, sendo assumido freqüentemente pelas religiões populares de ontem e de hoje. Atualmente, quanto mais avançam a miséria e a exclusão no continente latino-americano, maior é a demanda por cura e salvação. Sem cair num populismo manipulador das pessoas mais sofridas, Hoch nos desafia a repensar com seriedade o exercício do múnus pastoral com olhos e ouvidos atentos para as necessidades concretas de grande parte do nosso povo.

No mesmo horizonte de concepções, o artigo de *Valburga Schmiedt Streck*, professora de Pós-Graduação da UNISINOS, em São Leopoldo, RS, cuja pesquisa tem se voltado para o aconselhamento pastoral a famílias de periferia, se pergunta sobre qual o papel do aconselhamento pastoral junto a famílias marginalizadas com pouca ou nenhuma ligação com alguma igreja. A partir de um estudo de caso, Streck desnuda a crueza da vida na periferia urbana e os inúmeros problemas sociais e existenciais vividos pelas pessoas pobres de nossas cidades. Ela percebe a dimensão

matrifocal dessas famílias permeada pelo patriarcalismo e propõe uma intervenção pastoral multissistêmica de terapia narrativa. Ao narrarem seus dramas, as pessoas aos poucos vão se tornando ativas na construção de uma nova teia cultural e espiritual, compreendendo melhor os problemas e buscando forças para enfrentá-los.

Se no contexto da periferia a família sofre com a miséria material relacionada aos conflitos e agressões físicas e psicológicas, não menos difícil é a situação de mulheres para quem a casa torna-se um lugar de violência, independentemente de classes sociais. *Wanda Deifelt*, professora de Teologia Feminista da Escola Superior de Teologia, tematiza a violência doméstica, realçando o fato de que este é um assunto que diz respeito a toda a sociedade. “A prática da teologia em uma perspectiva feminista” se propõe a desconstruir a estrutura de pensamento que gera e justifica a violência, expressa em muitos ditos populares bem conhecidos, os quais revelam uma realidade constrangedora na qual a mulher, geralmente, é confinada à vida privada e submetida ao homem. Nessa perspectiva, sugere pistas importantes para a prática do aconselhamento pastoral, destacando a necessidade urgente de tornar pública a violência sofrida pela mulher.

O artigo de *Christoph Schneider-Harpprecht*, ex-professor de Aconselhamento Pastoral na EST e atualmente diretor do Seelsorgeinstitut da Kirchliche Hochschule Bethel, em Bielefeld, Alemanha, apresenta uma nova proposta teórica que se baseia no conceito de “capacitação”, do inglês *empowerment*, termo ainda pouco usado no Brasil, mas cujas possibilidades de aplicação em contextos de pobreza podem vir a ser importantes no futuro.

O autor faz uma leitura da capacitação a partir da teologia cristã para a qual “a força se aperfeiçoa na fraqueza”. Existem possibilidades de reverter as desgraças da vida, baseados no poder de Deus e na fé em Cristo. A aceitação graciosa de Deus e a liberdade que o perdão oferece permitem a reconstrução de uma biografia por vezes quebrada e sem saída. É uma excelente contribuição para a metodologia do aconselhamento pastoral.

Segue um importante estudo que se situa no campo da ética, da autoria de *Gottfried Brakemeier*, ex-presidente da Federação Luterana Mundial e professor de Ecumenismo da Escola Superior de Teologia. O autor lança questões instigantes sobre os avanços da biotecnologia e o diagnóstico pré-natal. Acolhendo os avanços da ciência de forma positiva e crítica, o texto levanta perguntas que não podem faltar na mesa da teologia e das igrejas, como, por exemplo, aquilo que se refere às possibilidades oferecidas pela biotecnologia para que mães e pais possam ter um “bebê perfeito”. Ele se pergunta sobre o que fazer, então, com os “imperfeitos”, já que estes são o alvo preferencial, mas não excludente do amor de Deus.

Reconhecendo que os avanços da biotecnologia diminuem os riscos de vida da mãe e do ser em gestação, além de oferecer dados para a decisão humana sobre a vida de outros, especialmente dos “imperfeitos”, Brakemeier pergunta-se pelos critérios que devem analisar esse saber. Por isso, defende a idéia de libertar o saber das amarras que o prendem a objetivos interesseiros. O aconselhamento pastoral entra nesse caso como uma exigência diretamente vinculada ao diagnóstico pré-natal.

Não poderia faltar numa publicação como esta uma abordagem do papel dos

movimentos de justiça e de direitos humanos. O Pastor emérito e Doutor Honoris Causa *Bertholdo Weber* nos brinda com uma reflexão sobre esse tema sempre atual, devido às constantes violações individuais e coletivas dos direitos da pessoa. Ciente de que o papel das pessoas de fé cristã é lutar ao lado do povo, testemunhando Jesus Cristo com a nova vida, pela libertação da pessoa toda e de todas as pessoas, Weber dá o seu testemunho de como se lançou contra as torturas e mortes praticadas pela ditadura militar, fundando junto com outras pessoas o Movimento de Justiça e Direitos Humanos, no Rio Grande do Sul, em 1979. Esse movimento ainda hoje exerce um papel de vigilância da cidadania da maior importância para a defesa dos mais pobres e indefesos. Nesse sentido, no Brasil e na América Latina, direitos humanos são direitos dos pobres e excluídos de nosso tempo. Weber nos conclama a juntar forças na construção de uma sociedade solidária e não-violenta, como valores do reino de Deus.

Faz parte deste livro um texto sobre “A dimensão política do culto cristão”. Nele, *Romeu R. Martini*, especialista em Liturgia e atual Pastor da Comunidade Bom Pastor de Esteio, RS, avalia a função desempenhada pela “prédica política” na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, entre a década de 70 e os anos 80. Testemunha que as “prédicas políticas” ajudaram as comunidades a perceberem as injustiças na sociedade trazendo à luz os riscos de vida em meio ao nosso povo. Evitando polarizações, o texto também aponta para os limites de tal pregação. O autor percebe uma ênfase no Deus juiz e condenador da injustiça e a descontinuidade entre prédica e liturgia. Em seguida, Martini salienta a

dimensão política de todo o culto cristão. A liturgia, por exemplo, não pode ignorar a diaconia. Lembra-nos que para Lutero faz parte do pão de cada dia um bom governo. Realça ainda a dimensão política do *Gloria Patri*. Ao invocarmos o Deus Trindade, em nome do qual a comunidade se reúne, estamos em verdade beirando a desobediência civil, pois Deus é o Senhor do mundo. Da mesma forma, o *Kyrie eleison* traduz os clamores de um povo que sofre humilhação e injustiça, provocadas por pessoas, instituições e estruturas de exclusão. Logo, é inegável a dimensão política do culto cristão.

Ricardo Wangen sempre foi um motivador de pessoas para o campo da educação e um ardoroso militante da paz na perspectiva da educação cristã. Por essa razão, incluímos nesta obra um texto sobre Pedagogia da Paz. Para *Roberto A. Daunis*, teólogo argentino e psicólogo, por breve período professor da Escola Superior de Teologia, a paz não é um fenômeno natural nem nasce espontaneamente. Esta é a razão por que faz-se necessário elaborar um projeto pedagógico aberto se quisermos educar para a paz. Em “Pedagogia da paz – subsídios para um projeto pedagógico” são destacadas quatro dimensões que orientam a educação para a paz, como segue: a pessoa como indivíduo, o indivíduo como um ser-em-relação, a dimensão política e a realidade econômica. Estas dimensões são refletidas bíblica e teologicamente. Segue um posicionamento didático, a partir de três formas diferentes de como se realiza a ação educativa: fundamentalista-militarista, liberal-pacifista e crítico-constructivista. Embora não se excluam mutuamente, há uma predileção nítida pelas duas últimas, que podem ser combinadas. Contudo, o texto

sugere que é a estrutura psíquica, mais do que a fé pessoal em Deus, que determina a escolha entre as três possibilidades de ação educativa participante. Sem dúvida, um texto que dá o que pensar.

Ainda nas veredas da educação, temos a contribuição de *Danilo R. Streck*, especialista em educação e Pró-Diretor de Ensino e Pesquisa do Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, em São Leopoldo, RS. Em seu texto “Imagens da criação: pautas para uma eco-teo-pedagogia”, ele apresenta um leque de desafios pedagógicos que vão desde a educação para a eco-ternura, a valorização de outros saberes, a percepção da vida que goste de si mesma até o reencontro com as origens e o encontro com o destino. Ao mesmo tempo, propõe-se a rediscutir o “núcleo duro” da Teologia da Libertação e da Pedagogia do Oprimido, fugindo do discurso polarizado entre dominantes e dominados, pobres e ricos, opressores e oprimidos e buscando para tanto a diversidade de rostos que continuam se revelando nesta nossa América Latina espoliada mas teimosamente esperançosa. O autor busca exemplos em mitos e histórias da criação que se distinguem de nosso conhecimento científico, os quais poderão contribuir tanto ou mais do que os conhecimentos de laboratório para a saída da atual crise em que nos encontramos. Sem saudosismos inúteis, prefere confrontar a nossa lógica de destruição da natureza, de poluição das águas e dos rios e da violência contra as mulheres com a lógica de alteridade de outros povos que reputamos atrasados. Enfim, o texto nos ajuda a descobrir o que Deus fazia antes de criar o mundo.

Relembrando sua prédica profética no culto de despedida das atividades docentes, em 1991, *Renatus Porath*, es-

pecialista em Antigo Testamento e professor da Escola Superior de Teologia, nos introduz numa reflexão sobre “A fé e o cotidiano de violência”, tendo como base o livro de Habacuque.

A superação do dilema que opõe realidade e fé é o ponto de partida da análise do autor. Ricardo Wangen sempre se deparou com esse dilema e não se satisfaz com uma resposta meramente prática, pois a violência, a opressão e as injustiças praticadas pelo poder são negação da soberania de Deus. Assim, com esse fundamento bíblico-teológico, o cotidiano da violência que parece totalizante pode ser visto com outros olhos, porque o poder imperialista helenista internacional está com os dias contados e já foi reprovado por Deus, como conclui o estudo de Porath ao desvelar a palavra de Deus contida no livro do profeta Habacuque. Para ele, a fé em Deus não é um fator alienante, antes alarga nossos horizontes frente à violência generalizada e nos compele à ação. Eis o motivo da nossa exultação:

O Senhor é a minha fortaleza,
faz os meus pés como os da corça,
e me faz andar altaneiramente.
(Hc 3.19).

Movido por essa força, Ricardo Wangen sempre andava rápido e, atentamente, vislumbra temas que à primeira vista pareciam irrelevantes. Foi num desses arroubos que, em 1977, ele propôs um seminário sobre “Ocultismo e fé cristã”. Sem que soubesse aonde se iria chegar, mas motivado pela curiosidade do tema, um grupo de estudantes seguiu a empolgação do professor. Na época, ninguém tinha consciência da semente que ele estava lançando nesses jovens, antecipando a discussão de um

assunto que, em nosso dias, é um prato cheio para várias áreas do conhecimento.

Olhando para trás, *Oneide Bobsin*, especialista em Ciências da Religião e professor da Escola Superior de Teologia, afirma: “Vem-me a suspeita de que aquele seminário aguçou meu interesse para as Ciências da Religião. Em gratidão aos impulsos do homenageado, compartilho aqui um texto que reflete sobre os aspectos políticos e culturais do pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil. No texto, procuro superar algumas limitações das leituras sociológicas sobre o pentecostalismo, além de levantar algumas hipóteses numa perspectiva de análise mais cultural”. Para Bobsin, é possível abrir caminhos para um estudo comparativo entre luteranismo brasileiro (IECLB) e pentecostalismo. Ele ainda ousa afirmar que o neopentecostalismo, representado principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus, mais se assemelha a uma forma religiosa que a uma nova religião.

A esta altura já se pode perceber que Ricardo Wangen não se deixou engessar pela vida acadêmica. Seu campo de atuação era o mundo das pessoas pobres, sofredoras, angustiadas, portadoras de deficiência, soropositivos, presidiários, doentes, homossexuais e tantas outras. Um belo testemunho da influência pastoral que ele exerceu desde os tempos que foi Pastor de estudantes e jovens em Curitiba, PR, é o texto do engenheiro agrônomo *Osmar Nickel*, que relembra os tempos de Curitiba na virada dos anos 60 para os 70. Situando o trabalho do Pastor Ricardo naqueles tempos sombrios da ditadura militar, Osmar faz aqui a “Memória de um convívio contagiante”. De fato, não há outras palavras que ex-

pressem tão bem a identidade e a ação pastoral desse pastor. Com desenvoltura e beleza, o engenheiro da EMBRAPA, que se entende como um dos pupilos de Wangen, acaba nos envolvendo em suas memórias, ao falar de uma convivência marcante que o fez conhecer “um espírito empreendedor e visionário, um sonhador de sonhos que sempre gostou de partilhar. Um semeador”.

Todos nós que participamos de suas aulas ou convivemos em sua casa com a esposa Dorothy e a família, que o privamos no aconselhamento e juntos enfrentamos lutas importantes na igreja e na sociedade, às quais ainda hoje Ricardo se dedica incansavelmente, podemos assumir com tranqüilidade as palavras poéticas e candentes de Osmar Nickel. Na verdade, *fomos contagiados para a vida, e vida em plenitude*. Este talvez seja o maior legado de Ricardo Harvey Wangen. No final deste livro, há uma breve biografia e uma bibliografia selecionada de sua produção teológica.

Esta publicação – com a diversidade de enfoques em torno de um tema só, a teologia prática – será muito útil para quem não se conforma com visões prontas acerca dos desafios pastorais do nosso tempo, mas busca o debate e o aprofundamento. Diáconos, diaconisas, professores e professoras que lidam com as questões do sentido da vida, pastores e pastoras, profissionais liberais e membros de comunidade encontrarão aqui bons subsídios para o seu trabalho na comunidade e na sociedade. Trata-se de um esforço de teologia contextualizada na realidade brasileira. Com propostas concretas para a nossa gente.

Roberto E. Zwetsch